

TÉCNICAS E TÉCNICOS

A propósito da abordagem extra-peritoneal da aorta

É um lugar comum afirmar-se que a cirurgia das artérias tem como objectivo primordial a modificação da história natural das doenças. Para o prosseguimento e preenchimento desse objectivo, educam-se e qualificam-se os agentes médicos, ou seja, os cirurgiões (os técnicos), os quais utilizam instrumentos específicos e métodos (as técnicas) de forma e natureza diversa.

A doença, os técnicos e as técnicas constituem os vértices de um triângulo que estabelece um conjunto de acções e interacções recíprocas e poder-se-á afirmar que a obtenção de uma harmonia entre aqueles três elementos constituirá um objectivo da prática cirúrgica e representará sempre a expressão de uma sólida formação e maturidade profissional.

Uma afirmação que contém implícita a noção de que essa harmonia se conquista através do desenvolvimento e aperfeiçoamento progressivo de gestos e atitudes, ou seja de uma educação.

O progressivo desenrolar das etapas da educação demonstra porém, frequentes vezes, como é precário e até fortuito o estabelecimento daquele tão desejado equilíbrio, visto que cada um dos componentes do triângulo encerra um universo de variáveis, algumas conhecidas, outra ignoradas, o que leva a conferir à actividade cirúrgica um risco permanente de fracasso na prossecução dos seus propósitos, por mais rigorosos que sejam os predicados e exigências que suportam a sua prática.

Qual o valor relativo — se é que existe — ou grau de comparticipação daqueles três elementos na génese do risco operatório é um tema que merece alguma consideração.

Tudo começa na história natural das doenças que não é uniforme e será talvez tão diversa quanto a história natural dos seus portadores. A interacção que se estabelece entre a doença e o hospedeiro é porém tão singular, variada e complexa e a sua evolução temporal por vezes tão imprevisível que só em base probabilística se podem fundamentar e equacionar o valor das decisões, neste caso, cirúrgicas.

O exercício da clínica cirúrgica engloba dois capítulos de natureza diferente mas de importância capital: o da **selecção dos doentes** e o da **execução**, em que se interpenetram, em qualquer dos casos, os atributos indispensáveis e uma boa realização profissional, ou seja, a ciência (o conhecimento) e a arte.

A selecção dos doentes para a cirurgia exige conhecimento científico e também arte (arte médica), mas está fortemente influenciada e até condicionada pelas consequências da execução, ou seja, os resultados operatórios.

Estes dependem naturalmente dos atributos do operador, mas também das técnicas que utiliza — o ponto onde desejamos chegar e que nos suscita a questão do valor das técnicas.

A história ensina-nos e em muitas áreas de cirurgia se reconhece ainda hoje que técnicas genericamente consideradas *más*, singulares, ou até insólitas, dão resultados excelentes em circunstâncias em que pontifica o talento, o virtuosismo, a persistência (e até teimosia) de alguns; e pelo contrário, técnicas reconhecidas como *boas* dão sistematicamente resultados desastrosos em determinadas mãos.

Neste enumerar de variáveis que gravitam em torno do exercício da cirurgia, em que sobressaiem a diversidade da condição humana, os diferentes graus de conhecimento científico e as múltiplas aptidões, capacidades e talentos ao serviço da arte médica, poder-se-ão identificar ou poderão de algum modo emergir os atributos ou excelências de uma determinada técnica operatória?

Por outras palavras, existe um mérito inerente às técnicas operatórias independentemente de quem as executa ou do contexto em que são levadas a efeito?

Creio não existir resposta certa para esta questão — ou talvez inúmeras respostas, o que significa que, à semelhança do que acontece quando existem múltiplas técnicas para uma determinada situação clínica, nenhuma é satisfatória.

São estas algumas considerações e interrogações que me suscita o artigo de J. Franklin sobre a abordagem extra-peritoneal da aorta como técnica de *baixo risco* para o tratamento das doenças da aorta, constituindo mais uma peça destinada a manter viva a controvérsia em torno deste tema.

A. DINIS DA GAMA